

# Five Nights at Freddy's

PAVORES DE FAZBEAR

2

CAÇADOR



intrinseca

SCOTT CAWTHON ANDREA WAGGENER  
CARLY ANNE WEST

# Five Nights at Freddy's

PAVORES DE FAZBEAR 2

# CAÇADOR

SCOTT CAWTHON  
ANDREA WAGGENER  
CARLY ANNE WEST

TRADUÇÃO DE JANA BIANCHI



Copyright © 2020 by Scott Cawthon. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

*Fetch*

REVISÃO

Victor Almeida

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

DESIGN DE CAPA

Betsy Peterschmidt

ARTE DE CAPA

LadyFiszi

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Lázaro Mendes

VINHETA ESTÁTICA DE TV

© Klick / Dreamstime

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C376c

Cawthon, Scott, 1978-

Caçador / Scott Cawthon, Andrea Waggener, Carly Anne West ;  
tradução Jana Bianchi. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.

256 p. ; 21 cm. (Five nights at Freddy's : pavores de fazbear ; 2)

Tradução de: *Fetch*

ISBN 978-85-510-0678-8

1. Contos americanos. I. Waggener, Andrea. II. West, Carly Anne.  
III. Bianchi, Jana. IV. Título. V. Série.

24-87793

CDD: 813

CDU: 82-34(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2024]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 - Barra da Tijuca

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

# SUMÁRIO

Caçador . . . . .	7
Freddy Solitário . . . .	93
Esgotado . . . . .	165



CACADOR

**A rebentação, a chuva e o vento** castigavam a construção antiga com tanta fúria que Greg se perguntou se as paredes caindo aos pedaços aguentariam o tranco. Quando um trovão ensurdecedor fez as tábuas que tapavam as janelas estremecerem, o garoto deu um salto para trás, trombando com Cyril e pisando em seu pé.

— Ai! — gritou o amigo, empurrando Greg.

O feixe de sua lanterna varreu a parede com movimentos espasmódicos, revelando o papel de parede azul listrado descascando e o que pareciam duas letras vermelhas: FR. Havia algo escuro respingado nas listras. Será que era molho de tomate? Ou outra coisa?

Hadi riu dos amigos amedrontados.

— É só o vento, galera — disse ele. — Sem escândalo.

Outra rajada atingiu a construção, balançando as paredes e encobrindo a voz do garoto. A chuva que caía nas telhas de



metal apertou. Dentro do restaurante, porém, um tilintado metálico soou em algum lugar próximo, alto o bastante para ser ouvido em meio ao vento e à chuva.

— O que foi isso? — perguntou Cyril, iluminando os arredores com um arco descontrolado da lanterna.

Com treze anos recém-completados, o garoto era um pouco mais novo que Greg e Hadi, mas todos estudavam na mesma turma do primeiro ano do ensino médio. Cyril era baixinho e magro, com feições infantis, cabelo castanho escorrido e uma voz que parecia a de um ratinho de desenho animado. Nada disso o ajudava a fazer amigos.

— “Vamos explorar a pizzaria antiga” — zombou ele, imitando a sugestão de Greg. — Nossa, que ótima ideia.

Era uma noite fria de outono, e a área costeira da cidade havia sofrido um apagão por causa da tempestade. Greg e os amigos tinham planejado um sábado de videogame e comi-

das gordurosas. Porém, assim que a energia caiu, os pais de Hadi tentaram recrutar os garotos para uma sessão de jogos de tabuleiro. Era a tradição da família sempre que a luz caía. Hadi conseguiu convencer os dois a deixarem que ele fosse com Cyril de bicicleta até a casa de Greg, ali pertinho, onde poderiam jogar um dos novos RPGs de estratégia do amigo. No entanto, assim que chegaram, Greg sugeriu que fossem até a pizzaria. Por dias, ele vinha sentindo que precisava visitá-la. Era como se algo naquele lugar o chamasse.

Mas talvez sua intuição estivesse errada, e a incursão não fosse dar em nada.

Greg iluminou o corredor com a lanterna. Haviam explorado a cozinha e ficado surpresos com a quantidade de panelas, frigideiras e pratos por lá. Quem fechava uma pizzaria e deixava todos os equipamentos para trás?

Assim que saíram da cozinha, os três se depararam com um grande palco no canto do salão principal do restaurante abandonado. A cortina preta nos fundos do tablado estava fechada. Nenhum dos meninos se ofereceu para ver o que havia ali atrás... Também não mencionaram o movimento da cortina assim que passaram pelo palco.

Hadi riu de novo e comentou:

— Melhor que ficar com a família... Ei, o que é aquilo?

— Aquilo o quê? — questionou Cyril, apontando a lanterna na direção que Hadi encarava.

Greg também iluminou o canto mais distante da área cheia de mesas. O feixe de luz banhou silhuetas volumosas enfileiradas ao longo de um balcão de vidro enebado. Do outro lado do cômodo, olhos brilhantes refletiram a luz.



— Da hora — disse Hadi, chutando a perna quebrada de uma mesa para abrir caminho até o balcão.

*Talvez*, pensou Greg, franzindo o cenho ao observar os pares de olhos. Um deles parecia encará-lo. Apesar da confiança de minutos antes, o garoto começou a se perguntar o que estava fazendo ali.

Hadi se aproximou do balcão e exclamou:

— Que irado!

Ele estendeu a mão para pegar algo e espirrou quando poeira se ergueu, rodopiando da superfície.

Antes de saírem de casa, Greg tinha sugerido que levassem lenços para cobrir o nariz e a boca, mas não conseguiram encontrar nenhum. Já esperava que o restaurante estivesse repleto de poeira, mofo, bolor e sabe-se lá mais o quê. Para a sua surpresa, dado o clima costeiro, o único sinal de degradação era a poeira — no entanto, havia um monte dela.

Greg contornou uma cadeira de metal virada de cabeça para baixo e passou por Cyril, que se apoiava num pilar sujo com pintura descascada no meio do salão. Exceto por uma mesa quebrada e duas cadeiras derrubadas, parecia que o estabelecimento precisava apenas de uma boa limpeza antes de reabrir para o público. O que era muito estranho. Greg havia pressentido que encontraria *alguma coisa* ali dentro, mas não esperava que fossem pratos, móveis e... o que era aquilo?

O garoto olhou para o objeto nas mãos de Hadi e ficou sem ar. Era por causa daquilo que tinha ido até a pizzaria? Era por aquilo que se sentia atraído?

— O que é isso? — perguntou Cyril, sem se aproximar nem um milímetro do balcão.

— Acho que é um gato — respondeu Hadi, virando o troço de pelagem irregular. — Talvez um furão? — Ele cutucou o bicho. — Será que é um animatrônico?

O garoto colocou a coisa no balcão e iluminou as outras silhuetas enfileiradas com a lanterna.

— Ah, que demais! — exclamou Hadi. — São prêmios, estão vendo?

Ele iluminou cada uma das criaturas imóveis.

Aquilo explicava os nichos esquisitos ao longo do amplo corredor que os amigos tinham atravessado a caminho do salão principal. Deviam ser espaços para instalar fliperamas e outros jogos.

— Não acredito que ainda tem esse tipo de coisa aqui — comentou Hadi.

— Pode crer — concordou Greg, franzindo a testa.

Ele analisou o que pareciam ser uma lontra-marinha e um polvo com os tentáculos emaranhados.

Por que aqueles prêmios continuavam ali?

Com as portas e janelas protegidas por tábuas, a construção havia resistido às tempestades litorâneas e à maresia por um bom tempo. A pizzaria estava claramente abandonada e parecia à beira do colapso. O material que revestia seu exterior ficara tão cinzento e desbotado que mal dava para entender o que era. O nome do estabelecimento tinha sumido fazia tempo. Então por que permanecia tão conservado por dentro? Bom, *conservado* não era a melhor palavra. Mas, na opinião de Greg, parecia em condições de resistir por mais uns cem anos.

Greg e os pais se mudaram para a região quando o menino estava no primeiro ano do ensino fundamental, então ele

conhecia a cidadezinha muito bem. Mas não a entendia. Por exemplo, sempre estranhara a pizzaria ficar tanto tempo fechada, sendo que o ponto era bom. Enfim, a cidade não era turística nem sofisticada. A mãe de Greg dizia que parecia uma “colcha de retalhos”. Em uma mesma rua, havia casarões chiques de um lado e, do outro, bangalôs decorados com boias de pesca, cercados de pilhas de madeira velha ou móveis de quintal em mau estado. A casa em frente à de Greg tinha um sedã da década de 1970 acomodado sobre tijolos na garagem. Mesmo assim, o garoto não conseguia entender como aquela pizzaria falida não era transformada em algo útil. A construção assombrada e esquisita praticamente gritava “me invada” para as crianças locais.

Mas, ao que parecia, ninguém tinha entrado ali antes de Greg, Cyril e Hadi. Greg achou que encontrariam pegadas, lixo, pichações — evidências da passagem de outros “exploradores”. Mas... não havia nada. Era como se o lugar tivesse sido preservado em formol até Greg de repente sentir que deveria ir até lá.

— Aposto que ainda estão aqui porque eram os melhores prêmios — opinou Hadi.

— Ninguém nunca ganha os prêmios bons — concordou Cyril, chegando um pouquinho mais perto do balcão, mas ainda a vários metros de distância.

— Não tem palhaço nenhum, Cyril — garantiu Greg.

Ele teve que prometer para o amigo que não havia palhaços no restaurante abandonado para convencê-lo a participar da aventura. Não que tivesse certeza disso.

— O que é aquilo ali? — perguntou Cyril, apontando para um boneco cabeçudo acomodado sob a placa de PRÊMIO MÁXIMO.

Greg o pegou antes de Hadi. Era pesado, com pelagem áspera. Ele ficou intrigado pelo animal, seja lá o que fosse. O garoto observou as orelhas pontudas, a testa inclinada, o focinho comprido e os olhos amarelos penetrantes. Só depois notou a coleira azul ao redor do pescoço, com um pingente brilhante. Uma plaquinha de identificação? Ele a ergueu.

— Caçador — disse Hadi, lendo por cima do ombro de Greg. — É um cachorro, e o nome dele é Caçador.

Greg amava cachorros, mas torceu para nunca encontrar um daqueles na vida real. Virou o brinquedo de um lado para o outro, analisando-o.

Nem o cachorro velho e feroz do vizinho era feio daquele jeito. O Caçador parecia uma cruz de lobo mau com o tubarão do filme de Spielberg. A cabeça dele — devia ser um macho, certo? — era triangular: pontuda em cima, com uma boca grande e intimidadora na parte de baixo. Sua pelagem parecia marrom-acinzentada sob a luz difusa das lanternas e tinha algumas falhas, revelando a estrutura de metal manchado embaixo. Cabos irrompiam das orelhas, e uma cavidade parcialmente exposta na barriga revelava uma placa de circuito primitiva.

— Olhem isso — comentou Cyril. Para a surpresa de todos, ele parecia interessado no balcão e tirou um livreto de um suporte de plástico. — Acho que é o manual de instruções desse bicho.

— Deixa eu ver! — exclamou Greg, arrancando o livreto da mão de Cyril.

— Ei! — reclamou o amigo, esganiçado.

Greg o ignorou. Devia ser aquilo que estava buscando.



O garoto colocou o Caçador em cima do balcão, abriu o livreto e deu uma olhada rápida nas instruções. Hadi se aproximou para ler por cima do ombro do amigo. Cyril enfiou a cabeça entre o livreto e o peito de Greg, para que todos pudessem ler juntos. Segundo as instruções, o Caçador era um cachorro animatrônico que podia ser sincronizado com o celular para buscar informações e outras coisas para quem o controlasse.

— Que demais! — exclamou Hadi. — Acha que o robô ainda funciona?

— Esse lugar está abandonado há quanto tempo? — perguntou Greg. — O Caçador parece mais velho que meu pai... mas como ele pode ser sincronizado com um smartphone, se isso nem devia existir quando ele foi feito?

Hadi deu de ombros. Greg também, e começou a fuçar o animatrônico para encontrar o painel de controle. Hadi e Cyril perderam o interesse no brinquedo.

— Não vai funcionar. É antigão, não vai ser compatível com os nossos telefones — opinou Cyril, fazendo uma careta quando outra rajada de vento castigou a construção.

Greg sentiu um calafrio. Não sabia se era por causa do vento sombrio ou por outro motivo.

Voltou a atenção para o Caçador. Queria tentar fazer a criatura canina funcionar. Tinha a impressão de que o animatrônico o atraía até ali.

O pessimismo de Cyril não o surpreendeu. O amigo seria incapaz de aproveitar uma oportunidade mesmo que ela caísse no seu colo.

Hadi, por outro lado, era sempre muito otimista. Tinha uma disposição tão solar que conseguiu realizar algo que, para Greg,

só podia ser um truque de mágica: ser aceito pelos populares, mesmo passando a maior parte do tempo com Greg e Cyril, dois dos maiores nerds da escola. Talvez fosse graças à sua aparência. Greg já tinha ouvido garotas conversando sobre Hadi. Chamavam o amigo de “lindo”, “gostoso”, “bonitinho”, “sarado” ou apenas soltavam uma exclamação de “*Hummmmm!*”.

Hadi se afastou do balcão. Cyril se largou numa cadeira diante da mesa mais próxima e sugeriu:

— Acho que a gente devia ir embora.

— Que nada — discordou Hadi. — Ainda tem muita coisa para explorar.

Greg os ignorou. Tinha virado o Caçador de cabeça para baixo e encontrado um painel na barriga do cachorro. Equilibrando o animatrônico, o livreto de instruções e a lanterna, mordeu o lábio e se concentrou em apertar os botões na sequência certa.

Por um instante, o vento e a chuva amenizaram. A construção foi tomada por um silêncio que parecia quase ameaçador. Greg olhou para cima e notou uma mancha grande no teto, bem acima dele. Umidade? Distraído da tarefa por um segundo, apontou a lanterna para o alto, mas não encontrou outras manchas. Aliás, por que o restaurante não estava cheio de goteiras? Quando vislumbrou a pizzaria pela primeira vez, Greg teve a impressão de que parte do telhado de metal estava faltando. Cadê os vazamentos?

O garoto deu de ombros e focou no Caçador. Àquela altura, estava apertando botões aleatórios. Nenhuma das sequências informadas nas instruções parecia ter funcionado.

De forma tão abrupta quanto haviam cessado, o vento e a chuva voltaram num crescendo de estrondos, pancadas e uivos. Então o Caçador se mexeu.

Com um zumbido repentino, a cabeça do cachorro se er-  
gueu. Em seguida, a boca imensa e cheia de dentes se abriu. O  
animatrônico rosnou.

— Que porcaria é essa?! — xingou Greg, derrubando o Ca-  
çador no balcão e dando um salto para trás.

Cyril se levantou da cadeira no mesmo instante.

— O que foi? — perguntou Hadi, voltando até os amigos.

Greg apontou para o Caçador. A cabeça e boca dele estavam  
numa posição claramente diferente de quando o encontraram.

— Legal! — comentou Hadi.

Os três encararam o Caçador, decidindo de forma tácita que  
era bom manter distância caso o cachorro fizesse mais alguma  
coisa.

Ficaram aguardando.

O Caçador também.

Hadi se cansou primeiro. Apontou a lanterna para o palco e  
perguntou:

— O que acham que tem atrás daquela cortina?

— Não quero saber — falou Cyril.

Uma porta bateu atrás deles... dentro da pizzaria.

Na mesma hora, os meninos saíram correndo. Atravessaram  
o salão e dispararam pelo corredor até o depósito por onde  
havam entrado. Mesmo sendo o menor, Cyril foi mais rápido.  
Já havia saído pela fresta que tinham conseguido abrir na porta  
emperrada dos fundos quando os outros garotos começaram a  
se espremer para fazer o mesmo.

Fustigados pela chuva, subiram nas bicicletas. Greg estimava  
que o vento devia estar soprando a uns oitenta quilômetros  
por hora. Não havia a menor condição de pedalar para casa.

Ele olhou para Hadi, que estava com o cabelo preto e enca-  
racolado grudado na cabeça. Hadi caiu na gargalhada, e Greg  
se juntou a ele. Depois de uma breve hesitação, Cyril também  
começou a rir.

— Vamos! — gritou Hadi acima do vento uivante.

Sem olhar para o restaurante, os três baixaram a cabeça e co-  
meçaram a empurrar as bicicletas contra a tempestade.

Enquanto avançava aos trancos e barrancos, Greg pensou na  
vontade que sentira de levar os amigos até o restaurante aban-  
donado. Tantas áreas não foram exploradas... Por exemplo, atrás  
da cortina. Também havia três portas fechadas no corredor. O  
que escondiam? Greg temia não ter encontrado o que o con-  
duzira até lá. Será que tinha feito tudo que precisava?

O menino já estava chegando em casa quando uma mulher  
gritou:

— Tomando um banho extra, é?

Greg parou, esfregou os olhos e os semicerrrou para ver me-  
lhor na chuva.

— Oi, sra. Peters — cumprimentou ele.

A vizinha idosa, sentada na varanda coberta, ergueu os braci-  
nhos magros e exclamou:

— Adoro essas tempestades!

Greg riu, então acenou e gritou:

— Aproveite!

A sra. Peters acenou de volta, e ele seguiu pela chuva. Ao se  
aproximar da casa alta e moderna dos pais, com vista para o mar,  
foi surpreendido por uma luz acesa na sala de estar. A cidade



inteira estava no escuro por causa do apagão. Quando se separou de Cyril e Hadi, as únicas iluminações eram as lanternas dos garotos, oscilando como espíritos desencarnados, e o bruxulear fraco das velas dentro de algumas casas. A luz na janela da sala de estar, porém, era intensa e estável.

Quando apoiou a bicicleta num dos pilares de madeira que sustentavam a casa um andar acima do nível do solo, o garoto entendeu tudo. Com o som retumbante do vento e da chuva, Greg não notou o motor até quase trombar com ele. Um gerador novinho em folha roncava sob a casa, conectado a um fio que atravessava a garagem espaçosa e subia as escadas até a porta principal.

— Ah, olha o garotão aí! — exclamou o tio de Greg, Darrin, sorrindo para o sobrinho. Com mais de um metro e oitenta e ombros largos, sua silhueta montanhosa preenchia quase todo o batente. — Estava quase organizando um grupo de buscas. Você não atendeu o celular.

Greg foi até a entrada de casa e cumprimentou o tio com o gesto que era marca registrada dos dois: um meio abraço seguido de dois soquinhos.

— Foi mal, tio Dare. Não ouvi — explicou o garoto, tirando o celular do bolso e tocando a tela.

Dare havia mandado mensagens e ligado para o sobrinho várias vezes.

— Caramba. Sério, juro que não ouvi — insistiu Greg.

— E dá para ouvir alguma coisa com essa ventania? Vamos entrar.

— De onde surgiu esse gerador? — perguntou o garoto, apesar de não estar muito interessado.

Ele só queria se distrair dos próprios pensamentos. Era estranho não ter ouvido o telefone tocar no restaurante. Não estava *tão* barulhento lá dentro. Será que tinha sido...?

— Comprei em Olympia — respondeu o tio. — Faz anos que seu pai fala que vocês não precisam de um gerador, mas ele estava sendo cabeça-dura. Eu avisei que ia fazer falta. Dizem que as tempestades vão ser bem piores este inverno. E, como você já viu, começaram *mais cedo* este ano. Lembra daquela chuvavarada semana passada, no Dia das Bruxas? — Dare balançou a cabeça. — Mas claro que seu pai não me deu ouvidos.

Greg não se lembrava daquela discussão. Mas o tio e o pai tinham tantas que era impossível se lembrar de cada uma.

Darrin era próximo da irmã, a mãe de Greg, e ainda mais próximo do sobrinho. Já o pai de Greg odiava Dare pelas mesmíssimas razões pelas quais o garoto o amava: porque ele era excêntrico e divertido.

“Darrin precisa amadurecer”, dizia o pai do garoto o tempo todo.

De fato, o tio possuía uma aparência peculiar: cabelo comprido tingido de roxo e preso numa trança, um guarda-roupa cheio de ternos coloridos e gravatas que usava com camisas de estampas chamativas. Dare era um inventor de peças de carro bem-sucedido, e a sorte absurda que tinha com dinheiro e investimentos havia sido a gota d’água para a sua relação com o cunhado.

“Pessoas como ele não merecem sucesso”, resmungava o pai de Greg.

Ele era empreiteiro e trabalhava bastante para pagar a casa grande e os carros caros de que gostava. O fato de Dare morar

numa propriedade de mais de quarenta mil metros quadrados e ganhar rios de dinheiro “brincando” em sua oficina era “um disparate”.

Greg amava o tio com a intensidade que desejava amar o pai. Dare sempre o apoiara, desde o instante em que sua cabecinha saíra para o mundo... apesar de Greg não ter sido um bebê fofo nem uma criança fofo. Tinha o rosto comprido, olhos muito próximos e um nariz pequeno demais. Ele tentava compensar aquelas características com o cabelo longo, loiro e ondulado, um “sorriso lindo” (segundo uma antiga colega do nono ano), além da altura e dos músculos que o faziam acreditar que talvez deixasse de ser um caso perdido após o ensino médio. Nunca se sentira atraído por coisas típicas de menino, como carros e esportes — por mais que o pai tentasse enfiá-las goela abaixo. Havia encontrado em Dare um aliado, que não questionava seus gostos ou desgostos, e que aceitava o sobrinho como ele era.

— Cadê minha mãe? — perguntou Greg.

— Clube de leitura — respondeu o tio.

Greg não perguntou do pai. Não se importava. Além disso, sabia que ele estava jogando pôquer com os amigos. Era como passava todas as noites de sábado, mesmo que precisassem jogar à luz de velas.

— Onde você estava com essa chuvona? — perguntou Dare.

— Hã... Posso não falar sobre isso?

Dare inclinou a cabeça e coçou a barbicha meio grisalha.

— Está bem — respondeu ele. — Eu confio em você.

— Valeu.

— Quer jogar gamão? — perguntou o tio.

— Vai ser um balde de água fria se eu disser que só quero descansar?

— Rá! Essa foi boa — comentou Dare, apontando para o casaco de Greg, que pingava no chão.

O garoto balançou a cabeça.

— Nem percebi o trocadilho. Enfim, acho que vou só ficar lendo um pouco.

— Claro, sem problema. Só passei aqui para ajeitar o gerador. Mas quando percebi que você não estava em casa nem atendia ao celular, fiquei preocupado e resolvi esperar um pouco antes de ligar para a polícia.

— Ainda bem que voltei para casa antes disso.

— Ainda bem mesmo — concordou Dare. Ele fez menção de pegar a capa de chuva cor-de-rosa, mas se deteve e estalou os dedos. — Ah, a propósito, fiquei sabendo que você conseguiu seu primeiro trabalho como babá. Fico feliz que tenha convencido seu velho a deixar.

— Foi graças a você, na verdade. Quando se posicionou a favor, o placar virou dois contra um. Vou cuidar do filho dos McNally semana que vem. Jake, eu acho. Precisam de alguém aos sábados.

— Jura? Eu conheço a mãe dele há muito tempo. Talvez dê um pulo aqui em algum sábado, então. Quem sabe trago um docinho para vocês... ou meu cachorrinho novo. Estou pensando em adotar um.

— Sério? Que demais!

— Pois é. A shih-tzu de uma amiga vai ter filhotes em breve. Acho que já fiquei tempo demais sem um cachorro. Sinto saudades de ter um companheiro.



Greg riu.

— Só espero que seja um *bonzinho*. Acho que o monstrengo da casa ao lado é parte shih-tzu.

— Aquele vira-lata bravinho? Não, cachorro meu não vai ser assim. Lembre-se que eu tenho...

Dare ergueu o dedo indicador da mão direita, onde usava seu anel favorito de ouro e ônix.

— ... o Dedo Mágico da Sorte — disseram os dois em uníssono, e depois caíram na gargalhada.

O “Dedo Mágico da Sorte” era uma piada interna que surgira quando Greg tinha uns quatro anos. Estava chorando porque queria pegar um polvo de pelúcia numa máquina de garra, mas não havia conseguido. Dare dera um tapinha no vidro com o indicador e dissera, com a voz grossa: “Eu tenho o Dedo Mágico da Sorte e vou pegar o polvo para você.”

E foi o que ele fez, capturando o brinquedo na primeira tentativa. Daquele dia em diante, Dare invocava o Dedo Mágico da Sorte sempre que precisava que algo desse certo. E sempre funcionava.

Greg parou de rir, pensando no cachorro do vizinho, então comentou:

— Ainda não acredito que aquele troço me mordeu.

Fazia um ano que o vizinho tinha se mudado para aquela casa. Dois dias depois da mudança, seu cãozinho — um vira-lata malvado com dentes afiados e um olho faltando — havia avançado em Greg e mordido seu tornozelo. Ele precisou levar dez pontos.

— Bem, vou te deixar ler um pouco — falou Dare. — Mas, antes, vou só confirmar que está tudo funcionando.

Quinze minutos depois, Greg estava esparramado na sua cama de casal, lendo sob a luz de sua luminária vermelha. Dare conectara o gerador à caixa de disjuntores. Ao mexer em alguns comutadores, a energia havia sido restaurada na casa toda.

— Fiz isso para garantir suas partidas de videogame — explicara Dare, cumprimentando o sobrinho com meio abraço e dois soquinhos antes de ir embora.

Greg estava animado para ler, mas tirou um tempo para fazer sua prática de yoga noturna antes de se enfiar debaixo da enorme manta que Dare tinha tricotado para ele. O tio havia apresentado a yoga ao garoto, e Greg amava. Além de acalmá-lo antes de dormir, a prática o ajudava a se manter em forma. Não que sua forma atual fosse boa o bastante.

O garoto parou diante do espelho, encarando os ombros estreitos e o peitoral magro. Embora tivesse músculos nos braços e nas pernas, o tronco ainda deixava a desejar. E seu rosto...

O celular vibrou. Ele o pegou e viu uma mensagem de Hadi:  
**Tá mais calmo?**

Greg soltou uma risadinha pelo nariz. Nem tinha ficado tão assustado assim.

**Calmo pq?**, respondeu, se fazendo de bobo.

**Vc n me engana.**

**Tá bommm**, respondeu Greg. **Sim, to tranquilo. Acho que preciso de mais coragem.**

**Vc precisa do cérebro do Brian Rhineheart. Ele n tem medo de nada.**

Era verdade. Brian era um dos melhores jogadores do time de futebol americano da escola. Greg riu e digitou:

**Seria bom ter as pernas dele tb. Pra fugir bem rápido.**

HAHAHA e os ombros do Steve Thornton? Pra dar um chega pra lá nas coisas assustadoras.

Greg riu de novo, mas não era má ideia. Já que Hadi tinha começado aquela brincadeira, por que não escolher exatamente o que ele queria?

Blz, digitou Greg, mas quero o peitoral do Don Warring tb.

O garoto sorriu ao imaginar um corpo construído com partes de jogadores de futebol americano. Também precisava de um rosto bonito, se quisesse chamar a atenção de alguma garota.

E os olhos do Ron Fisher, acrescentou.

Fechou. Que tal o nariz do Neal Manning?

Greg sorriu e digitou: Claro.

Boca?

O garoto pensou bem antes de responder: A do Zach.

:)))))))))))))

Greg deu uma risadinha. Conseguia imaginar Hadi com um sorriso imenso daqueles.

Cabelo?

Gosto do meu msm, respondeu Greg.

Metidooo!

Greg riu de novo, então Hadi mandou:

Tenho q ir nessa.

O menino se jogou na cama e digitou:

Flw

Então pegou seu caderno e o livro sobre Energia de Ponto Zero que queria estudar. Antes de começar a ler, olhou para suas plantas. Eram a chave para tudo aquilo, não eram? Graças a elas, a conversa que tivera com Hadi era mais do que uma brincadeirinha qualquer. Quer dizer, as plantas eram o catalisador.

Aprender sobre os experimentos de Cleve Backster havia iniciado aquela empreitada.

Mas as plantas não o ajudariam naquela noite. Ele precisava revisar o que sabia sobre Geradores de Eventos Aleatórios. Folheou o livro. Sim, lá estava. Máquinas e consciência. Causa e efeito. Colocou o livro de lado e releu as últimas anotações no caderno.

Ele não tinha interpretado errado, tinha? Achava que não. Ou estava no caminho certo ou não estava. E, se não estivesse, não queria nem imaginar em qual caminho se encontrava. A atração que sentira por aquele lugar não podia ter sido mera coincidência.

A tempestade castigou a cidade por mais um dia, até desvanecer no fim da noite de domingo. A energia voltou. A escola estava funcionando normalmente na segunda de manhã.

Greg tolerou a primeira metade do dia letivo. Quando enfim deu 13h10, ficou aliviado em ir para a aula de teorias científicas avançadas. Era uma matéria eletiva para alunos do primeiro ano do ensino médio que haviam ganhado prêmios em feiras de ciências nos dois anos anteriores. A turma tinha só doze estudantes, e as aulas eram ministradas por um professor convidado, o sr. Jacoby, que também lecionava na Faculdade Comunitária de Grays Harbor.

Como sempre, Greg foi o primeiro a chegar e se acomodou na primeira bancada. Hadi era o único que se sentava ao lado dele.

O sr. Jacoby parecia agitado na sala de paredes amarelas quando o sinal tocou. Alto, magricela e sempre cheio de energia, o sujeito fazia Greg pensar numa mola comprida. Era



um professor entusiasmado que não se abalava com alunos desinteressados. Greg amava todo tipo de ciência — não só tecnologia. Tal paixão rendera a ele o apelido de “queridinho do sr. Jacoby”.

O professor dava aula sem parar quieto, andando de um lado para o outro da sala, como se estivesse com formigas na cueca. Às vezes, rabiscava alguma coisa no quadro branco. Em geral, só tagarelava sem parar, mas suas tagarelices eram interessantes. Aquela sala, com pequenos balcões de laboratório de madeira e cadeiras altas, era um dos lugares preferidos de Greg na escola. Ele amava a tabela periódica e os pôsteres de constelação nas paredes. Adorava o cheiro de fertilizante usado nas plantas híbridas que cresciam nos fundos da sala. Tudo naquele ambiente o remetia à ciência.

Passando a mão pelo cabelo ruivo despenteado, o sr. Jacoby começou:

— Na física quântica, tem um conceito conhecido como Energia de Ponto Zero. É a prova científica de que não existe um vácuo, um “nada”. Se tirássemos toda a matéria e a energia do espaço, ainda restaria uma atividade subatômica considerável. Essa atividade é um campo de energia sempre em movimento: matéria subatômica interagindo constantemente entre si. — O sr. Jacoby esfregou o nariz cheio de sardas. — Estão acompanhando?

Greg assentiu, enfático. Hadi, sentado ao seu lado na bancada de laboratório para três pessoas, cutucou o amigo com o cotovelo e sussurrou:

— Ei, isso aí é sua praia.

O amigo o ignorou.

O professor sorriu para Greg e interpretou que sua resposta representava toda a sala, o que era um erro, mas para Greg não tinha problema.

— Ótimo — continuou o sr. Jacoby. — Então, esse conceito é chamado de Energia de Ponto Zero, porque as flutuações no campo ainda são encontradas em temperaturas de zero absoluto. Zero absoluto é o nível energético mais baixo possível, quando tudo foi removido e não deveria restar nada para gerar movimento. Faz sentido?

Greg assentiu de novo, e o professor prosseguiu:

— Ótimo. Então, nesse caso, a energia deveria ser zero, mas, quando é medida matematicamente, nunca alcança esse valor. Sempre resta vibração devido à interação contínua entre partículas. Faz sentido?

O queridinho do professor assentiu de novo, animado. Greg nem imaginava que o sr. Jacoby falaria sobre aquele assunto. *Que sorte!*, pensou, depois sorriu. Não era *sorte*. Era a Energia de Ponto Zero. O garoto estava tão empolgado que acabou perdendo os próximos minutos da explicação, mas não importava, porque já sabia tudo aquilo.

Ele só voltou a prestar atenção quando Kimberly Bergstrom ergueu a mão. Bem, só um pouco de atenção, mas conseguiu ouvir a pergunta:

— Isso é apenas uma teoria?

Também ouviu o começo da resposta do sr. Jacoby:

— Não totalmente. Considere a evolução da ciência. Antes da revolução científica...

Foi quando Greg se distraiu de novo, observando Kimberly. E quem não ficaria distraído? Cabelo preto comprido. Olhos

verdes maravilhosos. Era mais bonita do que todas as modelos que Greg já tinha visto.

Ele sentiu o rosto corar, e olhou para a frente antes que alguém o flagrasse encarando a garota.

Tarde demais.

Hadi o cutucou de novo com o cotovelo. Quando Greg se virou, o amigo fez uma cara engraçada de apaixonado. Ele voltou a prestar atenção no sr. Jacoby.

NO SEGUNDO LIVRO DA NOVA SÉRIE DO UNIVERSO DE  
FIVE NIGHTS AT FREDDY'S, UM CACHORRO ROBÓTICO,  
UM URSINHO SOLITÁRIO E UM COELHO FAMINTO FAZEM  
NOVAS VÍTIMAS

Muitos anos se passaram desde os primeiros assassinatos na Pizzaria Freddy Fazbear's, mas o lugar continua repleto de criaturas estranhas, eventos inexplicáveis e crimes sem solução. Pouco a pouco, os contos interligados da série *Pavores de Fazbear* revelam novas pistas sobre os maiores mistérios do universo macabro de *Five Nights at Freddy's*.

Greg está obcecado por um restaurante abandonado. Ao invadir a construção, ele descobre um pequeno cachorro animatrônico. Quando tenta ligar o robô, nada acontece. Porém, aos poucos, o animal passa a interferir na vida do garoto de maneiras perturbadoras...

Alec quer arruinar a festa de aniversário da irmã. Cansado de ser considerado "o filho problemático", ele decide mostrar que Hazel não é tão perfeita quanto os pais imaginam. Mas o menino acaba perdido na Pizzaria Freddy Fazbear's, até que um ursinho sinistro o encontra...

Oscar conseguiu o brinquedo dos seus sonhos. O Plushttrap Perseguidor é um enorme coelho verde, com dentes poderosos e destrutivos. O garoto ignorou os avisos da loja, mas logo começa a perceber que tem algo de errado com a criatura. E, na primeira oportunidade, ela se volta contra o dono...

O livro traz também a segunda parte da história "Aparição de Sutura", que acompanha um investigador em busca de respostas para uma série de eventos inexplicáveis. No epílogo de cada volume da série, uma nova parte da trama é revelada.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/cacador/>